PE. RICHARDS VERAS

O VERBO FEZ-SE CARNE

Prefigurado, cumprido, para sempre

PAULUS

PREFÁCIO

Certa vez, durante uma aula de religião no liceu, um aluno, já exasperado, disse-me: «Padre, o senhor fala de Jesus como se Ele estivesse aqui.» Comovi-me por ele ter notado que, na nossa aula de Sagrada Escritura, falávamos de Jesus de um modo diferente daquele com que, na sua aula de História, se falava de Washington ou de Lincoln. Jesus é, sem dúvida, uma figura histórica «O Verbo fez-Se carne e habitou entre nós»; mas a Igreja afirma, com a mesma certeza, que Ele está vivo e presente. Monsenhor Luigi Giussani rezava aquela frase do Ângelus dizendo: «O Verbo fez-Se carne e *habita* entre nós.»

A exasperação do aluno era compreensível. Se Jesus habita entre nós, então onde está Ele? Essa foi precisamente a pergunta seguinte do aluno. Quando lhe disse que Jesus está connosco, ele não me deixou escapar, mas insistiu: «Onde está Ele? Em que secretária está sentado?» Esta pergunta não era nem desrespeitosa nem irónica, mas razoável. Não a recebi como uma objeção ao que estava a ensinar, mas como uma busca sincera de um aluno que estava verdadeiramente empenhado.

Expliquei que, quando os alunos da turma faziam perguntas ou apresentavam comentários inesperados que nos conduziam mais profundamente às Escrituras e aos mistérios que estávamos a estudar, isso era Jesus a manifestar-Se através deles para me corrigir e orientar. Nesse momento, outro aluno exigiu: «Quando? Diga nomes.»

Então comecei a recordar situações em que isso tinha acontecido e a mencionar os alunos que, nesses instantes, foram para mim a presença de Cristo. Os estudantes ficaram ansiosos por ouvir os seus nomes pronunciados, pois a afirmação de que Deus pode estar tão próximo e concretamente presente entre nós é sempre nova. Esta é, de facto, a promessa de Jesus, Emanuel, Deus-connosco.

Jesus promete estar connosco para sempre (cf. Mt 28,20). E quem é Jesus? Ele é o Verbo feito carne, a Encarnação, a presença do divino na carne, Deus que Se tornou visível num rosto humano. Na Última Ceia, quando Filipe pediu a Jesus: «Senhor, mostra-nos o Pai», Jesus respondeu: «Há tanto tempo que estou convosco e ainda não Me conheces, Filipe? Quem Me vê, vê o Pai» (Jo 14,8-9). Filipe foi o precursor daquele meu aluno nesse dia de aula. Fez essencialmente a mesma pergunta: «Onde está Deus?» E a resposta de Jesus a Filipe é que Deus esteve e continua a estar presente através do seu próprio rosto. E se este mesmo Jesus promete estar sempre connosco, a sua presença entre nós deve manifestar-se em rostos e chegar até nós na carne, não apenas no tempo dos Apóstolos, mas também agora.

Noutra aula, um aluno contou-me a sua sobrevivência, aparentemente milagrosa, a um acidente de automóvel que sofrera em criança. Perguntou-me se essa tinha sido uma experiência de Jesus. Respondi-lhe que, sem dúvida, fora uma experiência de Deus, mas que não sabia se teria sido uma experiência de Jesus. Ele e os outros alunos ficaram bastante perturbados com a minha resposta. Expliquei-lhes que gostaria que cada um tivesse uma forma contínua e estável de responder e de se relacionar

com Deus, mas que sobreviver a experiências de quase morte seria um método espetacularmente inconveniente para o fazer. O que caracteriza Jesus é o facto de Ele estar num lugar, de ter um rosto. Posso procurá-l'O, posso voltar a Ele. Posso regressar a esse grupo de jovens, a essa paróquia, a esse sacramento, a essa família, a esse sacerdote, a esse amigo. Aquele aluno não pode regressar a esse acidente de automóvel; e se não encontrar Deus na carne, aqui e agora, no seu presente e como promessa para o seu futuro, então esse acidente não se tornará um ponto de mudança e de conversão, mas apenas um episódio curioso e comovente para recordar numa aula de religião ou numa conversa de jantar que tome um rumo espiritual.

São Bernardo pregou certa vez:

> Antes de o Filho de Deus Se ter feito homem, a sua bondade estava oculta, pois a misericórdia de Deus é eterna, mas como poderia tal bondade ser reconhecida? Fora prometida, mas não era experimentada e, por isso, poucos acreditaram nela.[1]

Fui criado como católico e recebi o testemunho dos meus pais e da minha família. Fui conduzido aos sacramentos e recebi mais testemunho e catequese de professores e sacerdotes. Assim, Cristo foi-me formando e chamando através da carne da minha família, através dos rostos daqueles que colocou no meu caminho na paróquia,

---

[1] Bernardo de Claraval, *Sermo 1 in Epiphania Domini*, 1–2, PL 133, 141–143, citado em *The Liturgy of the Hours*, Vol. I: Tempo do Advento, Tempo do Natal (1975). Nova Iorque: Catholic Book Publishing, p. 446. Ofício de Leituras, 29 de dezembro.

na escola e no programa de educação religiosa. Mas, como Filipe, eu estivera com Jesus durante muito tempo e não O conhecia. Pensava n'Ele como alguém que estava algures nos céus, a amar-me, mas de longe. Admirava-O profundamente e adorava-O, por vezes de forma meramente formal, outras com sinceridade. E acredito que também O amava, mas de longe.

Como jovem recém-licenciado, a viver e a trabalhar em Manhattan, procurava-O com sinceridade. Um dia, um sacerdote recomendou-me um grupo de jovens trabalhadores que se reunia na Catedral de São Patrício. Em março de 1988, participei no meu primeiro encontro. Eram da minha idade, eram como eu. Contudo, havia entre eles uma alegria que se percebia logo nesse primeiro dia. Com o tempo, descobri que esses rapazes e raparigas se tinham tornado amigos e conviviam também fora da reunião semanal. Partilhavam a vida entre si. Ao permanecer e entrar nessa amizade, percebi que era uma amizade diferente da que tinha experimentado no liceu, na universidade ou entre colegas de trabalho. Tocava de algum modo o núcleo do meu ser. A experiência era a de ser acolhido como se era e, ao mesmo tempo, convidado a algo mais verdadeiro. Havia um sentido de pertença que ia além da nossa capacidade de sermos amáveis uns com os outros ou de estarmos de acordo. É difícil de descrever, e por isso a primeira proposta cristã foi: «Vem e verás.» Foi isto que Jesus propôs a João e a André, e que estes propuseram a Pedro, e que Filipe proporia a Natanael (Jo 1,35ss).

O grupo para o qual fui encaminhado é Comunhão e Libertação, um movimento leigo que nasceu da fé, do

zelo missionário e do génio do Servo de Deus Monsenhor Luigi Giussani. Mons. Giussani foi um educador notável que incansavelmente chamava a atenção para o facto de que a excecionalidade de Cristo era algo percetível a qualquer ser humano, mesmo que não fosse religioso ou "espiritual"; e que essa excecionalidade continua entre os membros da sua Igreja, que é a continuação da sua presença na história. Trata-se de uma excecionalidade que nem sempre pode ser explicada, mas cuja existência é palpável, real, encarnada, algo que pode ser apontado, reencontrado, experimentado, partilhado e vivido.

Giussani recordava aos seus primeiros alunos do liceu que Jesus dissera: «Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» (Mt 18,20). Propôs-lhes que se encontrassem fora do horário das aulas e partilhassem a vida, fosse a jogar, a discutir arte, política ou ciência, a ver filmes, a fazer férias ou retiros. Dizia-lhes que fizessem tudo isto, tendo Cristo presente no pensamento e que verificassem se notavam algo diferente na forma como eram amigos e na maneira como abordavam a realidade à sua volta. Se experimentassem algo diferente, então deviam levar a sério a possibilidade de que essa diferença fosse Cristo presente no meio deles.

Essa proposta chegou até mim através daqueles jovens trabalhadores da Catedral de São Patrício, e esse encontro inicial e marcante não se tornou para mim uma recordação nostálgica, mas um modo de experimentar e, finalmente, reconhecer a presença de Cristo na sua Igreja. Era como se Jesus me tivesse falado, tal como falara a Filipe,

dizendo: "Se viste a excecionalidade desta amizade, o amor e a pertença destes homens e mulheres que são pecadores frágeis como tu, então viste-Me presente no meio deles e, através de Mim, viste o rosto do Pai… Eu estou contigo." São Paulo fala desta presença real de Jesus no seio da sua Igreja como de um tesouro em vasos de barro (2Cor 4,7).

Jesus começou a ser uma experiência viva na minha vida através de Comunhão e Libertação. Para outros, isso aconteceu por meio de outro movimento na Igreja, ou de uma paróquia dinâmica, ou de um grupo de jovens ativo, ou de uma pastoral universitária fiel, ou de uma comunidade religiosa vibrante, ou de uma família. Quando eu era criança, os meus pais tinham vários amigos que não partilhavam a nossa fé e viviam de forma muito diferente de nós, mas que gostavam de visitar a nossa família e de estar connosco. Não teria sido talvez Jesus presente no nosso meio que tanto os atraía?

Com o passar do tempo, o meu envolvimento em Comunhão e Libertação levou-me a amar cada vez mais Jesus, ou melhor, a corresponder cada vez mais ao seu amor por mim, continuamente confirmado à medida que seguia este lugar particular da sua Igreja. Foi através da presença de Jesus no nosso meio que discerni o chamamento ao sacerdócio. Ao longo dos anos, quando os alunos me perguntam porque me tornei sacerdote, digo-lhes que foi pela mesma razão pela qual um homem se apaixona por uma mulher e a pede em casamento. Encontrei Jesus e apaixonei-me por Ele. É tão simples e tão misterioso: é a Encarnação.

Quando iniciei os meus estudos no Seminário, sobretudo as aulas de Sagrada Escritura, interrogava-me se o meu entusiasmo juvenil não acabaria por ser atenuado e se me mostrariam que Jesus, o Verbo feito carne, não está afinal assim tão próximo de nós. Talvez tivesse de "crescer" e reconhecer que tinha exagerado um pouco, ou talvez Mons. Giussani tivesse sido um tanto excessivo.

O que partilho convosco neste livro é que a Boa Nova é realmente assim tão boa: Deus está verdadeiramente connosco, de formas que podemos ver, tocar e habitar. Em cada aula que frequentei no Seminário, e em cada aula que preparei ao longo do meu sacerdócio, vejo que, repetidas vezes, a Sagrada Escritura nos promete e testemunha a Boa Nova de Jesus Cristo, o Verbo feito carne, que habita entre nós.

INTRODUÇÃO

Quem os salvou não foi um enviado ou mensageiro, mas o próprio Senhor (Is 63,9)

Naquela região havia pastores, que passavam a noite nos campos, tomando conta do rebanho. Um anjo do Senhor apareceu aos pastores; a glória do Senhor envolveu-os em luz e eles ficaram com muito medo. Mas o anjo disse aos pastores:

> Não tenhais medo! Eu anuncio-vos a Boa Notícia, que será uma grande alegria para todo o povo: hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias, o Senhor. Isto vos servirá de sinal: encontrareis um recém-nascido, envolto em faixas e deitado numa manjedoura.

De repente, juntou-se ao anjo uma grande multidão de anjos. Cantavam louvores a Deus, dizendo: «Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens por Ele amados.» Quando os anjos se afastaram, voltando para o céu, os pastores combinaram entre si: «Vamos a Belém ver este acontecimento que o Senhor nos revelou.» Foram, então, à pressa, e encontraram Maria e José e o Recém-nascido deitado na manjedoura. Tendo-O visto, contaram o que o anjo lhes anunciara sobre o Menino. E todos os que ouviam os pastores ficavam maravilhados com aquilo que contavam. Maria, porém, conservava todos estes factos e meditava sobre eles no seu coração. (Lc 2,8-19)

O que nenhum anjo podia fazer

No seu livro *The Angels and Their Mission According to the Fathers of the Church*, o Cardeal Jean Daniélou dedica um capítulo à alegria dos anjos no nascimento de Cristo. Ele cita Padres da Igreja para explicar a razão de a multidão dos anjos louvar a Deus com tamanha alegria. São João Crisóstomo, Orígenes e Eusébio pregaram e escreveram sobre o insucesso geral que os anjos encontravam ao tentar conduzir homens e mulheres a Deus. Os anjos obedeciam a Deus e velavam pela sua criação. Mas os seres humanos, dotados de livre-arbítrio, eram muito diferentes do resto da criação visível de Deus, e os anjos percebiam que era difícil, talvez mesmo impossível, que espíritos como eles conseguissem mover os corações de homens e mulheres de carne e sangue.

No Evangelho de São Lucas, cada vez que um anjo é enviado para falar a alguém, em determinado momento o anjo diz: «Não temas» (cf. Lc 1,13; 1,30; 2,10). Nós, seres humanos, somos terrenos, não apenas espírito, mas também carne. Por isso, um espírito desencarnado está muito além da nossa zona de conforto e dificilmente nos atrai à primeira vista.

Por exemplo, não sou propriamente um grande apreciador da escuridão. Numa das paróquias onde servi, os interruptores da iluminação do ginásio ficavam na extremidade oposta à porta de saída, a uma distância equivalente a todo um campo de basquetebol. Muitas vezes, era eu o último a permanecer ali depois de um evento à noite, e tinha de apagar as luzes. Confesso que, depois de as desligar, costumava caminhar apressadamente até à

saída. Ora, durante essa caminhada rápida, se um anjo me tivesse aparecido para me tranquilizar, posso garantir que o efeito seria exatamente o contrário do pretendido.

E o que não me assusta? Os bebés não me assustam. Nem as crianças, nem os adultos. Na verdade, se estivesse outra pessoa comigo, quando apagava aquelas luzes, a escuridão deixava de ser assustadora e eu podia caminhar em paz.

Consideremos agora que Deus, tal como os anjos, é também Espírito. E embora tenhamos sido criados à sua imagem, como nos diz o Génesis, a nossa resposta a Ele é muitas vezes de temor.

Tendo isto em conta, a alegria dos anjos faz todo o sentido. Uma vez que fomos criados à imagem de Deus, o nosso coração, no mais profundo de si, anseia por Ele. Contudo, o espírito puro é-nos estranho e provoca-nos temor. Por isso, os anjos não conseguem ter grande êxito connosco. Também os profetas humanos terão apenas um sucesso limitado, pois são homens caídos como nós. De que precisamos, então? Precisamos que o próprio Deus venha e nos atraia a Si. Isaías exprimiu-o ao dizer: «Ah, se rasgásseis os céus e descêsseis» (Is 63,19). Mas Deus, enquanto Deus, pode assustar-nos ainda mais do que qualquer anjo. Veremos mais adiante como o próprio povo eleito recuou diante de Deus quando Ele procurou revelar-Se no Horeb (Dt 18,16). Então, como pode Deus aproximar-Se de nós sem que nos afastemos? Como nos pode convidar a entrar numa relação com Ele? Tomando a carne e habitando entre nós, isto é, trazendo de modo misterioso a plenitude da sua divindade para habitar num homem de carne e sangue.

Os anjos rejubilam porque Deus veio em auxílio da Humanidade tomando a carne, e a sua missão, a partir desse momento, será conduzir homens e mulheres a Jesus, o Homem através do qual Deus está connosco, o Homem através do qual Deus nos pode salvar. Os pastores podem ter-se assustado diante de um anjo, mas não tiveram medo do Menino para o qual os anjos apontavam.

O que os pastores viram

Por que motivo os anjos dizem aos pastores que não tenham medo? Porque nasceu uma criança. O Deus que vem na carne pode dissipar o nosso temor. Ele pode viver no meio de nós e atrair-nos a Si, partilhando a nossa humanidade.

Os pastores eram, porventura, das pessoas mais humildes e terrenas a quem os anjos poderiam ter sido enviados para anunciar a sua proclamação celeste. No tempo de Jesus, a profissão de pastor colocava alguém sob suspeita de roubo e de tendência para o pecado, de modo semelhante ao publicano.[1] Assim, a primeira proclamação da sua vinda ao mundo, depois da que foi feita à sua família, é dirigida a pastores. A imagem dos anjos celestes e dos pastores terrenos a rejubilarem juntos é, em si mesma, um prenúncio icónico da Encarnação: o celeste em comunhão com o terreno.

---

[1] Carrón, J. (2016). «The beat of the heart [of God] is pity on your nothingness» in *I have loved you with an everlasting love. I have had pity on your nothingness.* Exercises of the Fraternity of Communion and Liberation. Denver: Human Adventure Books, p. 33.

Este humilde grupo de pastores será o primeiro hóspede da Sagrada Família. Homens sem instrução, desprezados pelos religiosos respeitáveis do seu tempo e lugar, são os primeiros, depois de Maria e José, a contemplar o Verbo feito carne, que acabava de começar a fazer a sua morada entre nós.

Existe uma canção italiana, *I Pastori*, cantada do ponto de vista de um dos pastores, que exprime de forma belíssima o mistério da Encarnação. O pastor recorda que era um dia e uma noite como qualquer outro, ele e os seus companheiros a apascentar as ovelhas e a dormir nos campos, quando os anjos irromperam pela noite com uma voz despertadora e uma luz resplandecente: «E o anjo disse para irmos e tomarmos o caminho mais curto até Belém, e encontrámos o estábulo, e o Menino a chorar no frio… e Ele era Deus.»

Maria e José

Jesus, o Filho de Deus, não parecia apenas ser humano, mas tornou-Se verdadeiramente humano. No Antigo Testamento, há momentos em que Deus aparece como se tivesse forma humana, como quando caminha no jardim à procura de Adão e Eva (Gn 3,8), ou quando luta com Jacob no vau do Jaboc (Gn 32,23-31). Embora estes momentos sejam prefigurações da Encarnação, parecer humano e tornar-se humano não são a mesma coisa. Os seres humanos não "aparecem" simplesmente. Nós nascemos de uma mulher, crescemos até à idade adulta através do tempo e em lugares concretos, e morremos.

O facto de Jesus nascer de Maria garante-nos que Ele Se tornou verdadeiramente humano. Uma amiga católica

contou-me que, certa vez, a sua filha evangélica lhe permitiu levar a neta de quatro anos à igreja católica num domingo de manhã. Ao saírem da Missa, a menina viu uma estátua no adro da igreja. Na comunidade onde normalmente ia, essa criança ouvira falar muito de Jesus, através de pessoas que O amavam, mas ainda não ouvira falar de Maria. Quando perguntou à avó o que era aquela estátua e lhe foi dito que era a imagem de Maria, Mãe de Jesus, a sua reação foi: «Jesus tinha Mãe??!!» O que provocou tal admiração? A Encarnação. Aquela menina descobrira que Jesus tem uma Mãe, como nós. Ele fez-Se realmente carne. Não parecia apenas humano, Ele tornou-Se humano.

O Evangelho de São Lucas diz-nos que, como qualquer outro ser humano, Jesus crescia em sabedoria e em idade (Lc 2,52). Os seres humanos aprendem e crescem ao longo do tempo, e aprendemos com os nossos pais. Como poderia Jesus, que é Deus, aprender com Maria e José, que eram simples seres humanos? Porque Jesus é Deus que Se fez verdadeiramente homem. Recordemos o que Gabriel respondeu a Maria, quando ela perguntou: «Como será isto?» (Lc 1,34), assegurando-lhe que nada é impossível a Deus (Lc 1,37).

A visita dos pastores dá-nos uma pista sobre a forma como Maria enfrentava a realidade. Tendo dado à luz Jesus naquele lugar tão pouco conveniente, o que poderia ser menos desejado do que um grupo de estranhos a entrar na sua humilde morada? Estranhos que, além de cheirarem às suas ovelhas, eram tidos por muitos como pecadores. Contudo, Maria não se opõe. Não se afasta,

mas contempla com assombro o que Deus começava a realizar no meio deles. Qual o significado de estes pastores serem convidados a estar tão perto de Deus?

Será de Maria que Jesus aprenderia a acolher publicanos e pecadores, leprosos e cegos? Não será que Jesus Se assemelha à sua Mãe quando recusa despedir as multidões famintas, como os Apóstolos Lhe pediam (Mc 6,36)? Quando Jesus está no Getsémani a aceitar sofrer e morrer, não será que Se assemelha à sua Mãe, que acolhera a profecia de Simeão de que o seu Filho seria sinal de contradição e de que ela própria seria trespassada por uma espada (cf. Lc 2,34-35)?

E não nos esqueçamos de José. Se visitarmos Belém, encontraremos a Gruta de São José, próxima do local do nascimento de Jesus. Certamente aqueles pastores não poderiam ter contemplado Jesus e Maria sem a permissão do esposo, pai e protetor da Sagrada Família. A presença de José na vida do Menino Jesus confirma também a verdadeira humanidade do Filho de Deus. Uma criança humana precisa de receber amor paterno de um homem de carne e sangue, seja ele pai biológico ou adotivo, tio, avô ou outro amigo da família. Jesus precisava de olhar para São José e aprender com ele o que significa ser homem, ser pai. O desenvolvimento humano de Jesus requeria a presença de José.

> Nos tempos antigos, muitas vezes e de muitos modos, Deus falou aos antepassados por meio dos profetas. No período final em que estamos, falou-nos por meio do Filho. […] O Filho é a irradiação da sua glória e n'Ele Deus exprimiu-Se tal como é em Si mesmo. (Hb 1,1-3)

Os seres humanos não "aparecem" simplesmente. Temos antepassados, temos uma história. Contemplemos, pois, a história que não apenas conduziu ao acontecimento da Encarnação, mas que, de modo misterioso, o prefigurou.

ÍNDICE

Prefácio. 5

Introdução 13
Quem os salvou não foi um enviado
ou mensageiro, mas o próprio Senhor (Is 63,9) 13
O que nenhum anjo podia fazer 14
O que os pastores viram. 16
Maria e José 17

PARTE I
A PREFIGURAÇÃO DE CRISTO

Capítulo 1
Génesis da Criação, Promessa de Salvação,
Prefiguração da Encarnação 23
O Protoevangelho 23
Pré-Protoevangelho: Os relatos da Criação. 25

Capítulo 2
Abraão, Isaac e Jacob… e Esaú 31
Abraão e Sara… e Isaac 31
Jacob e Esaú 34
Um encontro inesperado 37
Outro encontro, igualmente inesperado 39

Capítulo 3
Moisés e o Profeta, David e o Rei 43
A presença de Deus através
da fragilidade humana 43
A presença de Deus através
de uma família humana 49

PARTE II
EMANUEL, DEUS-CONNOSCO

Capítulo 4
O Verbo fez-Se carne 59
O que procuravam os discípulos? 59
Que queriam os demónios? 63

Capítulo 5
A Encarnação é ampliada através dos discípulos 75
Autoridade dada aos Apóstolos e discípulos 75
A Samaritana 78
O gentio curado prepara o caminho para o regresso de Jesus 86

Capítulo 6
Ressuscitou na Carne 91
Encarnação, ressurreição e as duas Marias 91
As aparições no Cenáculo 92
A aparição a Maria Madalena 93
A aparição junto ao Mar de Tiberíades 96
Porquê? 97
«Não acreditarei» 99
«Nós esperávamos» 100

PARTE III
CRISTO PRESENTE NO MUNDO ATRAVÉS DA IGREJA

Capítulo 7
Pentecostes: pelo Espírito Ele fez-Se carne 105
Ascensão e Pentecostes prefigurados. 105
A Ascensão e o Pentecostes cumpridos 108

A descida do Espírito sobre Jesus,
a descida do Espírito sobre os Apóstolos 111
O ministério de Jesus, o ministério de Pedro 112
A prisão de Jesus, a prisão de Pedro e João.....114
A morte de Jesus, a morte de Estêvão 116
Jesus Ressuscitado no caminho, Filipe no caminho.....117
A missão entre judeus, samaritanos e gentios 119

Capítulo 8
Paulo, Apóstolo do Corpo Místico de Cristo 121
A conversão de Paulo
e a Igreja como o próprio Cristo 121
Permanecer com Jesus
é permanecer com a Igreja.....122
Tesouro em vasos de barro 125
A Igreja é o Corpo de Cristo 128

Conclusão 131
O Verbo fez-Se carne – para sempre.....131
A Natividade e a Ascensão, ...131
através dos olhos dos Anjos 131
Estou convosco todos os dias 134